



## Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalista: Tânia Trento | Tel. (27) 3084-5666 - 99944-0757

23/09/2016 - Sinttel-ES

## Dia Nacional de Luta na Vivo denuncia o arrocho salarial



Nesta sexta-feira, dia 23, o Sinttel-ES esteve nas portarias dos prédios da Vivo 1 e Vivo 2, em Vitória, denunciando a triste e vergonhosa proposta de Acordo Coletivo que a operadora quer impor à categoria. Um café da manhã, magro – com café e pão seco, numa crítica ao reajuste ZERO, foi oferecido pelo Sindicato aos colegas de trabalho na operadora.

Na terça-feira, dia 20, aconteceu a segunda reunião de negociação com a Operadora, em São Paulo, que, na ocasião, ofereceu 6% de reajuste, em Fevereiro de 2017, para quem ganha o Piso Salarial. O restante dos/as empregados/as – que são a maioria – pela proposta da empresa, não teriam reajuste. Também propôs aumentar jornada para os trabalhadores de campo de 40 para 44h. Quer que eles trabalhem aos sábados.

Os sindicatos, representados pela Fenattel, rejeitaram a proposta, convocaram o Dia Nacional de Luta para denunciar essa proposta medíocre e esclarecer aos trabalhadores e trabalhadoras o quão ruim é a intenção da empresa. “É uma preparação. Vamos mobilizar a categoria para, se forem necessárias, fazer paralisações estratégicas e greve geral”, disse o diretor de Formação do Sinttel-ES, Vanderlei Rodrigues.

E ele avisou: se na próxima reunião de negociação, no dia 28, não houver avanços, no dia seguinte o Sinttel-ES voltará para frente da empresa para mobilizar os empregados contra o arrocho.

“Nossa campanha Salarial precisa ganhar volume e mobilização. Não podemos aceitar que, já nessa segunda reunião de negociação, a empresa não apresente nada e venha com a estratégia GVTista de ainda querer impor as piores condições de trabalho e de salário já

vistas. É por isso que engrossamos o protesto nacional contra as atitudes desrespeitosas da Vivo”, criticou a diretora jurídica do Sinttel-ES, Sílvia Ferreira Capistrano.

Segundo dados fornecidos pelo Dieese, a Vivo tem a melhor saúde financeira entre as operadoras de telefonia do Brasil. Seu lucro no ano passado foi de 3 Bilhões e 300 milhões de reais. Neste ano, até junho, o lucro já chegou a 1 bilhão e 900 milhões de reais. “E na maior cara de pau a empresa NÃO quer dividir parte desse lucro com nós, seus os trabalhadores e trabalhadoras. Quer encher as burras dos acionistas. Isso é inaceitável!”, criticou o diretor de Comunicação e Políticas Sociais do Sinttel, Reginaldo Domingos Biluca.

Para o diretor do Sinttel, Roberto Mattos, que é empregado da Vivo, o dia Nacional de mobilização é o momento que cada um dos trabalhadores tem para mostrar sua insatisfação com a proposta medíocre de acordo coletivo de trabalho que está em negociação.



“A Vivo quer que fiquemos até 2017 sem reajuste nos salários e nos benefícios, enquanto a inflação até a nossa data base foi de quase 10%. Não podemos aceitar isso. A Operadora ofereceu 6% em fevereiro de 2017, somente para os pisos salariais. Todos nós sabemos que quem ganha o piso na Vivo é uma minoria. Portanto, a maioria vai ficar no prejuízo. Já imaginou ficar 2 anos sem reajuste salarial?”, questionou o Mattos.

O Sinttel-ES esteve na porta da Vivo no ES, assim como outros Sindicatos estiveram nas portas da operadora em outros 19 estados do país, questionando: Por que a empresa não quer dividir o bolo dos lucros com os seus “Colaboradores”?

**LUCRO DA VIVO**  
**2015 → R\$ 3,31 Bilhoes**  
**2016 → R\$ 1,9 Bilhões**

[www.sinttel-es.org.br](http://www.sinttel-es.org.br) |  SintTEL-ES

**PARA OS TRABALHADORES**  
**0% REAJUSTE**  
**Aumento de Jornada**  
**SINTTEL-ES**  



Para Biluca, a resposta é simples: “Porque ninguém é colaborador. Todos nós somos empregados e não tem essa de colaborar para crescer. Já percebemos que isso mudou na Vivo. Hoje o que a empresa nos impõe é pior que esmola, depois do esforço de fazer crescer o bolo da Vivo: 0,0% de reajuste”.

E ele acrescenta: “Como isso é possível, se só neste primeiro semestre, a Vivo cresceu 42,23% em relação ao mesmo período em 2015? Queremos a reposição salarial e aumento real. Basta de precarização!”

Segundo análise feita pela assessoria econômica do Dieese, a A Vivo quer continuar economizando nos salários e aumentando seu Ebtida. Mesmo comprando a GVT em 2015 e incorporando os mais de 15 mil trabalhadores GVTistas, a empresa continua gastando o mesmo percentual no custo operacional com a folha de pagamento: 12%.

Para o Sinttel-ES essa estratégia é de arrocho e achatamento salarial, para não elevar o custo operacional e, com isso, Não reduzir o lucro dos acionistas. Além disso, os benefícios da aquisição da GVT já se fizeram presentes nos resultados parciais do PPR 2016, com 105% de atingimento das metas, só no 1º semestre. Ou seja, tudo o que for feito daqui pra frente, neste segundo semestre, já está na conta da Vivo.

“Está na hora de mostrarmos para Vivo que queremos respeito. Nossa manifestação é justa, legítima e necessária. Precisamos de enfrentar mais esse desafio, que é manter e ampliar nossos direitos”, disse Rita.

Para Mattos, na Vivo não tem crise. Não tem prejuízo. “Nós temos que ir à luta para cobrar o que nos é devido. Um reajuste salarial que recupere a inflação do período e com ganho real nos salários e nos benefícios, pois foi isso que fizemos pela empresa no ano passado, quando ela lucrou R\$3,31 bi e neste ano, cujo lucro já chegou a R\$1,9 bilhão.

Os diretores denunciaram os problemas com o plano de saúde, cujas mudanças impostas pelo Be Flex é mais uma estratégia de precarização e sofrimento.

Segundo Sílvia, os/as empregados/as tinham um plano de saúde decente e foram obrigados a optar pelo pior para não reduzir a renda salarial. “Aqui no ES, temos uma ação na justiça para manter o plano de saúde como era antes do Be Flex, mas só isso não basta”, reclamou.



É hora de mostrar que não aceitamos a piora dos benefícios e o arrocho salarial. Precisamos de mais envolvimento e mobilização para impedir que a empresa piore cada vez mais nossa vida.

Queremos respeito. Merecemos!



## Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalista: Tânia Trento | Tel. (27) 3084-5666 - 99944-0757

26/09/2016 - Telesintese

# Telefónica chama bancos para preparar venda de ações da operadora inglesa, o2

A Telefónica, que controla no Brasil a Vivo, vai abrir o capital de sua operadora de celular da Inglaterra, a O2. Para isso, contratou os bancos Barclays, UBS e Morgan Stanley. Será a maior IPO desde 2011, no país, no valor de mais de € 10 bilhões, e deverá estar concluída no início de 2017.



Depois que a agência reguladora antitruste europeia impediu a venda da O2 – operadora

de celular do Reino Unido – para a CK Hutchison, em maio deste ano, por US\$ 14,9 bilhões a Telefónica (que controla no país a Vivo) estudava alternativas para capitalizar o grupo, que está fortemente endividado.

Hoje, os espanhóis bateram o martelo. E decidiram que vão buscar recursos novos pelo mercado de capitais, fazendo uma IPO (oferta inicial de ações) na London Stock Exchange. Conforme comunicado da operadora, foram contratados os bancos Barclays, UBS e Morgan Stanley para fazer a operação, que será

a maior IPO daquele mercado, desde 2011.

A expectativa é que sejam lançadas pelo menos 10 bilhões em ações, e a operação deverá estar concluída somente no início de 2017.

Existem atualmente quatro operadoras móveis no Reino Unido: EE (da British Telecom), O2 (da Telefónica), Vodafone e Three (da CK Hutchison). A Three é considerada pelo órgão a mais agressiva e inovadora das quatro. Foi a primeira a reduzir preços e implantar o 4G sem taxas extras aos clientes. Também lançou pacotes de roaming e voz sobre LTE. A O2 é vista como a marca mais valiosa. É a que tem mais clientes, embora seja a segunda maior em receita do país.

A Comissão Europeia vetou a operação porque poderia “afetar toda a infraestrutura móvel do Reino Unido”. (com agências).

23/09/2016 - Telesintese

# Oi publica ata com nomeação de conselheiros de Tanure

Indicação, já anunciada, foi resultado de acordo entre o fundo Société Mondiale e Pharol, maior acionista individual da operadora.

O Conselho de Administração da Oi publicou hoje (23), na CVM, ata da 144ª reunião que aprovou a indicação a indicação dos novos conselheiros efetivos, anteriormente anunciados, Hélio Costa e Demian Rocca. O primeiro tem como suplente Nelson Tanure, acionista minoritário à frente do fundo Société Mondiale, e o segundo Blener Braga Cardoso Mayhew. As indicações foram resultados de um acordo fechado entre o fundo e a Bratel (Pharol), maior acionista indi-

vidual da Oi.

Nelson Tanure passa a ser também suplente do conselheiro efetivo Marcos Duarte Santos; Pedro Grossi Junior, suplente de Ricardo Reizen de Pinho; Luis Manuel da Costa de Sousa de Macedo, suplente do conselheiro efetivo João Manuel Pisco de Castro; e José Manuel Melo da Silva, suplente de Pedro Zañartu Gubert Moraes Leitão.



# Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalista: Tânia Trento | Tel. (27) 3084-5666 - 99944-0757

26/09/2016 - Convergência Digital

## Nextel dá status estratégico à TI e reestrutura modelo de negócios

Não existe setor mais desafiado hoje no Brasil do que o de Telecomunicações e TI não é mais pura Tecnologia, mas, sim, uma aliada para o desenvolvimento estratégico dos negócios e para a manutenção do ativo mais caro às operadoras: os assinantes, pontua o COO (Chief Operation Officer) da Nextel, Jorge Braga. Em entrevista exclusiva ao portal Convergência Digital, ele revela que, hoje, a TI está sob o controle direto da direção da operadora, com o presidente, Francisco Valim à frente. Assim como, o CIO participa das reuniões cruciais dos negócios.

"TI é produto. Precisamos que as demandas solicitadas sejam cumpridas com eficiência. A TI tem de ser uma provedora de soluções e, não, uma área a mais no negócio e que venha a gerar problemas", diz Braga. Ele conta que para ter essa TI planejada, a Nextel reestruturou o modelo de negócios. "Os projetos eram demandados e não eram realizados. Havia uma lista com 260 pedidos não atendidos na TI. Com o redesenho, essa demanda caiu para 60 e todos estão sendo monitorados, fiscalizados e cumpridos", acrescenta o COO, que assumiu o papel de ser o responsável direto pela TI.

Uma das ações relevantes dessa nova TI, que possui uma estrutura 30% mais enxuta e passou a contar com um executivo, responsável por analisar os contratos e monitorar permanentemente o escopo de todos os projetos, foi a criação de um 'escritório de projetos'. Essa iniciativa concentrou todas as demandas da TI tradicional. "Os projetos não podem ser pedidos sem uma lógica voltada para o negócio. O nosso CIO é ouvido pela direção e dar a exata precisão do retorno. Tecnologia por Tecnologia não é o nosso alvo", relata Jorge Braga.

A governança é o segredo para ter uma TI mais eficiente, acrescenta ainda o COO da Nextel. Segundo ele, respeitar o orçamento e alinhar os negócios orientados para clientes são decisões que exigem persistência e resiliência. Assim aconteceu a renegociação - dura - com os fornecedores. "Não renegociamos os contratos para baixar preço simplesmente. Criamos

níveis de serviços específicos para termos os contratos. Não falamos em redução de budget. Mas em mais serviços e, principalmente, serviços mais eficientes".

Mais um exemplo desse modelo foi a renegociação com as fábricas de software. Antes eram 22 fornecedores. Hoje, são apenas três. "A concentração não foi, insisto para reduzir o orçamento, apesar de termos conseguido baixar os custos operacionais em 34%, mas aconteceu para termos mais produtividade e eficiência", relata Braga.

A Nextel também distinguiu a TI tradicional da TI Digital. "Nossa área digital tem as suas demandas, mas que estão sob a supervisão do nosso CIO. Mas eles têm a independência para tratar dos seus problemas, com a aprovação da direção. Aqui, de novo, os principais executivos estão à frente", diz Braga. A visão da Nextel é bem definida nessa área da transformação digital. "A experiência digital não é um front end da Internet ou do mundo móvel. Vai muito mais além".

Braga faz questão ainda de deixar claro: a TI Digital não é a área responsável pela Inovação. "Inovação é da empresa como um todo. Não há uma área específica. Lançamos o nosso aplicativo de atendimento em 2014 e, hoje, ele responde por 70% dos nossos atendimentos. A nossa URA também responde 55% das questões com os clientes. Isso é inovar como empresa. Criar mecanismos que simplifiquem o atendimento com o cliente", ressalta o COO da Nextel.

Sem revelar os valores investidos na remodelação da área de TI - com a justificativa que a mudança fez parte de um projeto de reestruturação da Nextel Brasil, que nos últimos nove meses conseguiu EBTIDA positivo - Braga diz que há metas estabelecidas para serem cumpridas. E uma delas é chegar a zero no atendimento de chamadas por problemas de qualidade de serviço. "E para chegar a essa marca vamos manter a TI pragmática, eficiente e cumpridora das suas demandas- e reforçar a governança com ações efetivas de gestão", completa o executivo.



## Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalista: Tânia Trento | Tel. (27) 3084-5666 - 99944-0757

25/09/2016 - Vermelho

# Leonardo Boff: O persistente bullying sobre o PT e Dilma Rousseff

É notório o bullying político e social (acossamento) sofrido persistentemente pelo PT e pela ex-presidenta Dilma Rousseff. Uma coisa é reconhecer que houve corrupção e erros políticos do PT, e outra coisa é tributar quase exclusivamente tais fatos, e mais a crise atual, ao PT e à ex-presidenta.

Ao colocar toda a culpa e todos os males sobre o PT e a ex-presidenta, feitos bodes expiatórios, esses grupos dominantes ocultam sua própria perversidade e sua culpa. Ao colocar toda a culpa e todos os males sobre o PT e a ex-presidenta, feitos bodes expiatórios, esses grupos dominantes ocultam sua própria perversidade e sua culpa. Para entender esse penoso fenômeno, socorrem-nos um dos maiores pensadores da atualidade, que dedicou grande parte de sua obra a decifrar o que seja a agressividade humana e seus disfarces: René Girard, francês, professor de Letras e antropólogo que viveu nos EUA. Seu principal livro se intitula exatamente O bode expiatório (Le bouc émissaire, Paris 1982).

Constata Girard que todos os grupos e mesmo as sociedades conhecidas vêm atravessadas por tensões e conflitos. O processo civilizatório, a educação, as leis e as religiões propõem um ponto de equilíbrio que permita a convivência minimamente pacífica ou impedir que os conflitos não sejam destrutivos.

Mas pode chegar a um momento em que os conflitos perdem as rédeas e as forças do Negativo vão se acumulando, rompendo o referido equilíbrio. Começam os processos de ruptura nas relações sociais e até nas famílias e entre amigos, rejeições de uns e de outros, distorções na percepção da realidade, difamações, desconstrução da imagem do outro, dando lugar até ao ódio aberto. O instrumento mais usado é a mídia, seja pelos jornais, pela televisão e, hoje, pelas redes sociais da internet. É o bullying em funcionamento.

Lentamente emerge o sentimento de que assim como se encontra a sociedade não pode continuar. Ela tem que encontrar um novo equilíbrio. Uma das formas, a mais equivocada e persistente, é a criação de um bode expiatório. Os grupos mais dominantes definem um bode expiatório e praticam terrível bullying sobre ele, para descarregar todas as forças do Negativo. Esse bode expiatório varia consoante as circunstâncias históricas: podem ser os comunistas, os sem-terra, os pobres que ascenderam socialmente, os terroristas, os muçulma-

nos, as esquerdas que querem mudanças estruturais e outros.

No nosso caso, o bode expiatório escolhido foi e continua sendo o PT e, pessoalmente, a ex-presidenta Dilma Rousseff, incluindo-se o ex-presidente Lula. Ele cumpre uma dupla função: uma de aplacar e outra de ocultar.

Toda a raiva e o ódio acumulados são lançados sobre o bode expiatório. Ele carrega todas as maldades e é feito responsável por todos os desmandos ocorridos e pela crise econômico-financeira. Esquecidos ficam, consciente ou inconscientemente, todos os acertos, em especial a maior transformação social pacífica feita em nosso país, que implicou a diminuição de nossa maior vergonha, a desigualdade social e, positivamente, a integração de cerca de 40 milhões, sempre considerados peso morto da história. Para o efeito da construção do bode expiatório tudo isso não conta, caso contrário não se cumpriria a função do bode expiatório de aplacar a fúria coletiva. Todos se sentem livres desta praga – se possível, a ser exterminada. É a função de aplacar a carga negativa jogada sobre a vítima.

Mas há uma outra função, a de ocultar. Ao colocar toda a culpa e todos os males sobre o PT e a ex-presidenta, feitos bodes expiatórios, esses grupos dominantes ocultam sua própria perversidade e sua culpa. Apresentam-se, farisaicamente, como paladinos da moralidade tomados de indignação contra a corrupção. No entanto, a bem da verdade, exatamente dentre esses grupos dominantes se encontram os maiores corruptos, corruptores e sonegadores de impostos – no estilo da Fiesp, esteio do impeachment, aquela que mais sonega impostos, na ordem de bilhões, como o tem denunciado o Sindicato Nacional dos Procuradores da Fazenda Nacional, sem ainda referir os cerca de R\$ 600 bilhões de brasileiros mantidos no exterior, em paraísos fiscais e em offshores.

Leia mais em:

<http://www.vermelho.org.br/noticia/287090-1>



## Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalista: Tânia Trento | Tel. (27) 3084-5666 - 99944-0757

23/09/2016 - Vermelho

# GGN: O império do Grupo Globo em paraísos fiscais

Novas revelações de paraísos fiscais foram divulgadas em mais uma série do Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos (ICIJ). O jornal alemão *Süddeutsche Zeitung* teve acesso a 1,3 milhão de documentos sobre mais de 175 mil offshores entre 1990 a 2016. Apesar de receberem destaques casos relacionados a políticos de diversos países, o GGN revela, agora, que no Brasil os dados do Grupo Globo também integram os mais de 38 gigabytes de empresas.

A publicação alemã dá sequência às investigações com base em Big Data mundo afora, e compartilhou o material recebido com o consórcio internacional, incluindo diários da Europa, América do Sul, Ásia e África.

Até o momento foram reveladas holdings e empresas envolvendo o presidente da Argentina, Maurício Macri, o secretário do interior do Reino Unido, Amber Rudd, o filho do ex-ditador Augusto Pinochet, Marco Antonio Pinochet, o filho do presidente da Nigéria, Sani Abacha, a ex-comissária da União Europeia Neelie Kroes, o ex-ministro do Exterior do Qatar, Sheikh Hamad, entre outros.

### Histórico de dados restritos no Brasil

No Brasil, os jornalistas que integram a entidade que se tornou mundialmente conhecida após a revelação do SwissLeaks e Panamá Papers são Fernando Rodrigues, do Uol, Angelina Nunes, de O Globo, Marcelo Soares, da Folha de S. Paulo, e Claudio Tognolli.

Em fevereiro de 2015, o consórcio restringia a apenas Fernando Rodrigues como o único da imprensa brasileira a ter acesso às contas secretas do HSBC na Suíça, no Swiss Leaks. À época, o GGN foi o primeiro a alertar para o risco da lista de mais de 100 mil correntistas ficarem sob o controle de um único jornalista, que poderia divulgar somente as informações que interessassem a ele ou ao jornal que representa, o Uol, do Grupo Folha.

A denúncia do GGN se espalhou em blogs e mídia alternativa, gerando uma grande pressão por parte da imprensa brasileira de outros repórteres para terem acesso aos dados. A iniciativa fez com que o ICIJ liberasse a grande base de dados também ao jornal O Globo. A partir daí, o resultado foram revelações

de investigados na Lava Jato, ex-diretores do Metrô durante o contrato suspeito com a Alstom, investigados da Máfia do INSS, envolvidos no mensalão petista e tucano, como Paulo Roberto Grossi, entre outros, estavam na mira das contas suspeitas do Swiss Leaks.

Também a partir dessas novas publicações, o GGN conseguiu cruzar informações para revelar que além de o PSDB ter sido o maior beneficiado dos doadores para campanhas eleitorais com contas secretas no HSBC suíço, em 2010, o senador Aécio Neves foi também o candidato à presidência que mais recebeu.

Na sequência dos dados suíços, foi a vez do Panamá Papers ser divulgado pelo Consórcio em abril de 2016. Assim como no Bahamas, o alemão *Süddeutsche Zeitung* foi o primeiro a ter acesso ao Big Data, que ia além: trazia todas as contas, transações e contratos de offshores ligadas à panamenha Mossack Fonseca, conhecida por ser uma grande lavadora de dinheiro pelo mundo. No Brasil, desdobramentos deste dados, que já estavam ao acesso não só de Rodrigues, como também do Estadão e da emissora Rede TV!, revelaram ser clientes da Mossack políticos principalmente do PMDB, mas também do PSDB, PDT, PP, PDT, PSB, PTB e PSD.

Além disso, a TV Globo foi mencionada diversas vezes em investigação de lavagem de dinheiro do banco De Nederlandsche, com transações financeiras irregulares em paraísos fiscais, supostamente para pagar os direitos de transmissão da Copa Libertadores. Também foi arrolado nessa nova sequência de dados nomes como o ex-ministro do STF, Joaquim Barbosa, e outros investigados da Lava Jato.

Apesar de o Bahamas Leaks, como está sendo chamada essa mais recente e inédita base de dados, envolver diversos brasileiros, os jornais acima mencionados novamente não deram destaque a um dos milhões de dados que deve mais interessar ao Brasil. Assim como o fez nos primeiros meses de 2015, o GGN cumpre este papel.

Leia mais em:

<http://www.vermelho.org.br/noticia/287171-1>